

Rede hospitalar vive estado de pré-coma

Com equipamentos e prédios abandonados, hospitais do Estado sofrem pior crise da história

ROLDÃO ARRUDA

Nos fundos do Hospital do Mandaqui, o principal hospital público da Zona Norte de São Paulo, situado na Rua Voluntários da Pátria, há uma antiga e ampla construção, dividida em três pavilhões e rodeada de frondosas árvores. Tem capacidade para 200 leitos. No passado, ali eram abrigados os doentes de tuberculose, mas, desde que se deixou de tratá-los em isolamento, aquela área deveria ter sido reformada e reintegrada ao hospital, que serve a uma região de 3 milhões de habitantes. Essa foi uma das tarefas recebidas por Luiz Antônio Fleury Filho, quando assumiu o governo do Estado, em março de 1991. Mas ele ignorou-a, decidindo-se pela ampliação de outra ala do hospital. Sua primeira providência foi colocar duas placas monumentais na entrada, anunciando a obra.

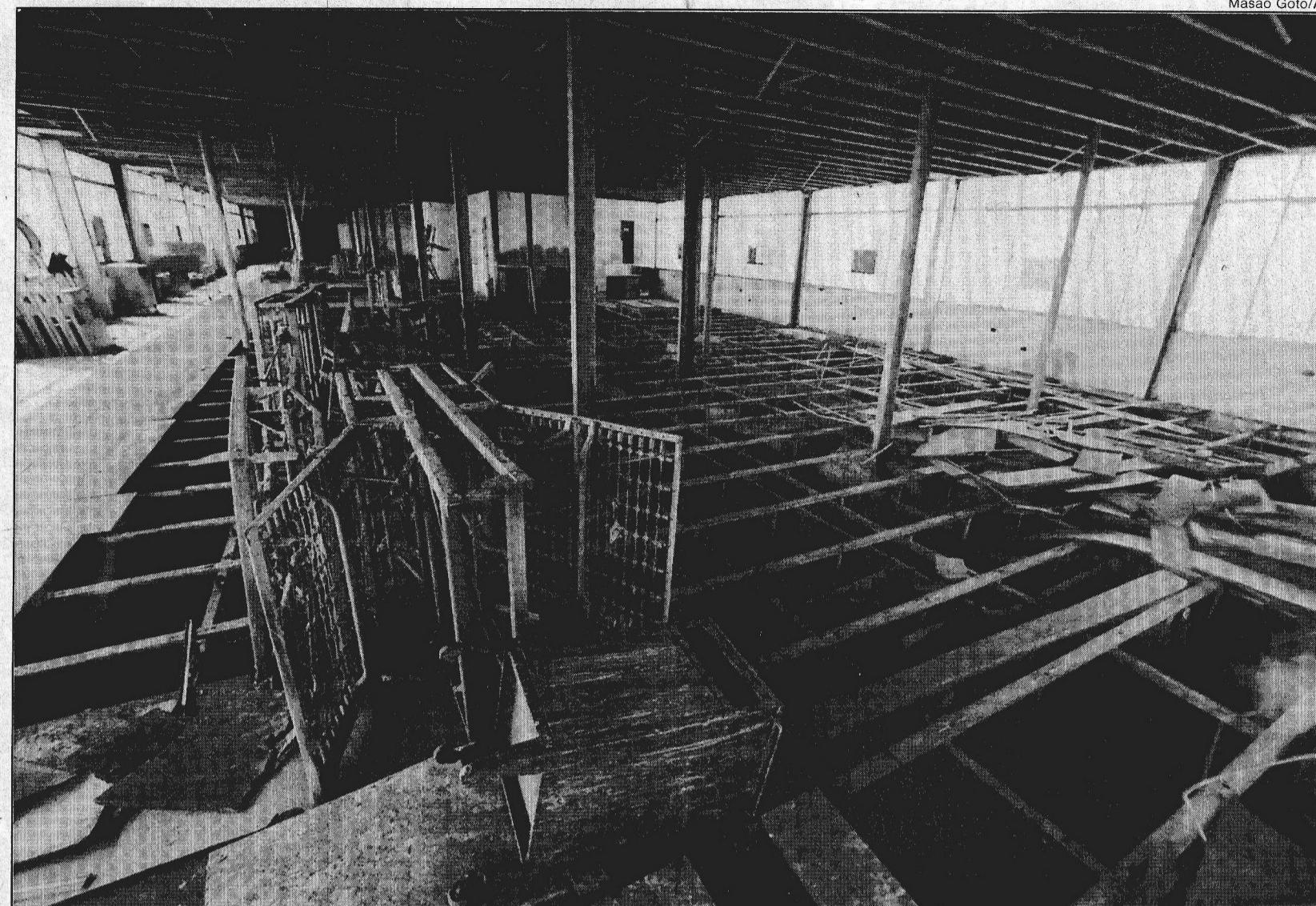
O resultado final foi péssimo. O antigo pavilhão está abandonado e depredado, a ampliação nunca foi terminada e hoje o hospital atende menos gente. O Mandaqui está funcionando com apenas 60% de sua capacidade, segundo informações dos diretores, nomeados pelo próprio ex-governador. Pelas suas contas, dos 720 leitos que dispunham, 200 foram inutilizados pelo abandono da antiga ala e outros 90 pelas novas obras. De acordo com informações dos funcionários, porém, a situação é mais dramática. Dizem que o hospital só opera com 40% da capacidade, porque dos 420 leitos que sobraram 120 não podem ser ocupados por falta de pessoal de enfermagem.

O Mandaqui está em crise profunda. Quase coma. Mas isso não é o pior: ele entra nessa história apenas como caso exemplar de uma crise muito mais ampla, que, após quatro anos do governo

Fleury parece ter contaminado todo o sistema estadual de saúde. Antes de ele deixar o Palácio dos Bandeirantes já se sabia, pelas denúncias de funcionários e médicos, que a situação era ruim. Mas só agora, com a mudança de governo e a chegada de novos diretores aos hospitais, é que o quadro começa a adquirir contornos mais definidos.

"Embora tivesse noção da deterioração que ocorria, eu levei um susto quando cheguei aqui", diz o recém-empossado diretor-superintendente do Hospital do Servidor Público Estadual, o médico sanitário Nelson Ibañez. "A situação é de calamidade". Outro que se espantou foi o novo diretor clínico do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, o médico Vasco de Lima. "A qualidade do serviço degingolou", afirma. "Por enquanto vamos ter que apagar incêndios."

O tipo de incêndio a que se refere o infectologista tem muitas variações. No Hospital do Servidor há urgência de se fazer um acordo com a empresa contratada para a limpeza. Por causa dos atrasos de pagamento das contas pelo governo do Estado, a empresa não quitou os salários de seus empregados e agora eles amea-

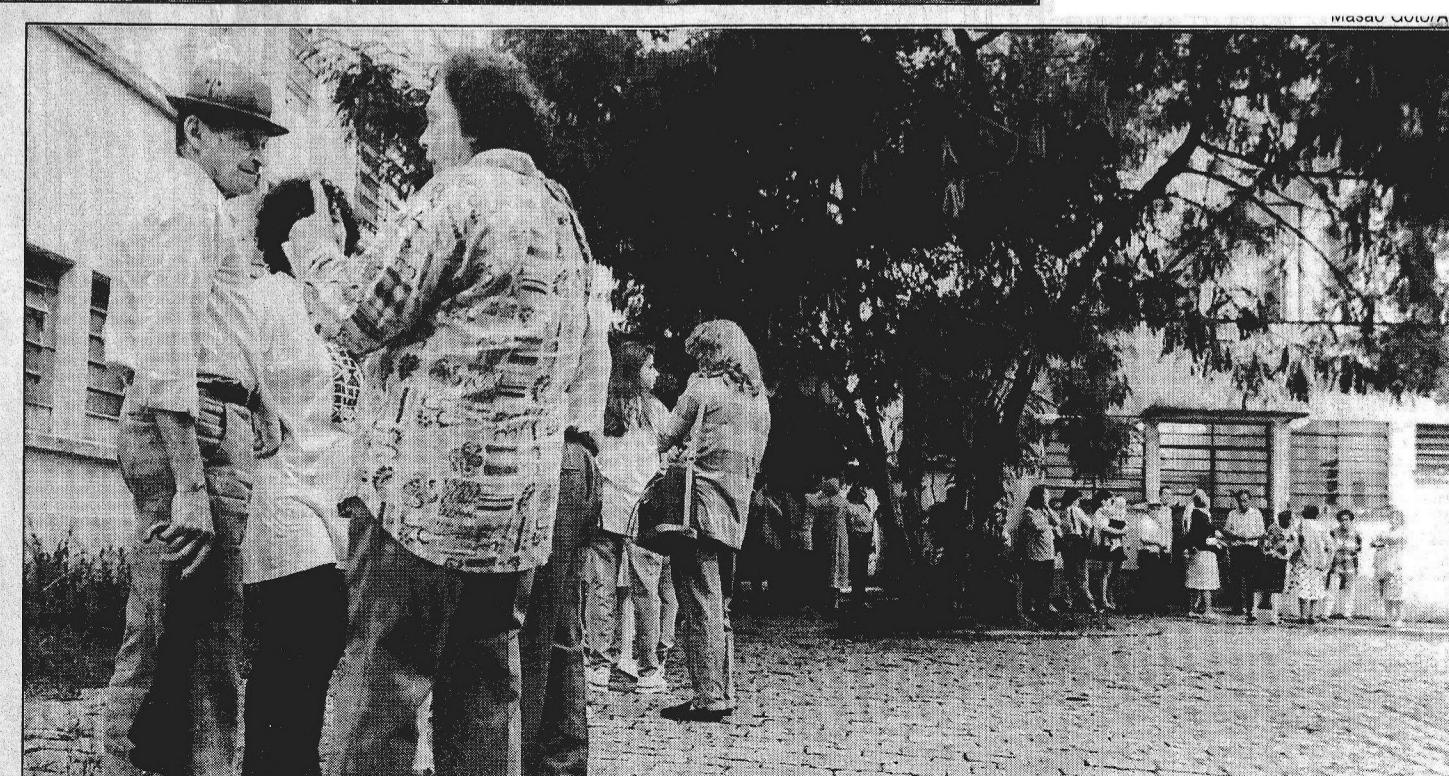


Reforma paralisada em 1993, no Hospital do Servidor Público, relegou ao abandono uma área com capacidade para 500 leitos

Masao Goto/AE



Entre as marcas do abandono da rede estão o dispensioso quarto de tratamento intensivo, que virou depósito de materiais, no Instituto Emílio Ribas (acima), e a longa fila de espera no laboratório de exames de sangue, no Hospital do Mandaqui (ao lado)



**ÀS VEZES, É
PRECISO PEDIR
REMÉDIO
EMPRESTADO**

pessoas que procuram médicos para consultas recebem senhas para voltar até três meses depois. No Hospital das Clínicas, o maior da América do Sul, faltam leitos até para os difíceis transplantes de rins. No Brigadeiro, na Zona Sul, uma ala destinada a doentes de Aids, com dez leitos, teve que ser fechada. Apresentava problemas nas redes hidráulica e elétrica e, por fim, o teto desabou. "Em plena epidemia de Aids, isso é inconcebível", observa Célia Costa, funcionária do hospital e diretora dos sindicatos dos funcionários públicos na área de saúde, o Sindsaúde.

Segundo o médico José Augusto Barreto, presidente da Associação dos Médicos do Emílio Ribas, houve um sucateamento do sistema. "Se existiu alguma política nessa área, foi a do abandono total", afirma.